



AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E O FUTEBOL NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO EM CATALÃO GOIÁS

Helianny Pereira dos Santos¹

Gênero e Esporte: uma relação possível

Propomos como temática nesta pesquisa, discutir algumas questões relacionadas a gênero e futebol. Pois, entendemos que o futebol tem-se configurado no cenário social com relevantes possibilidades de análises acerca da divisão dos papéis sociais produzidos entre homens e mulheres. Ao apresentar-se como um dos principais fenômenos da humanidade, carrega consigo uma denominação de masculinidade arraigada no seu contexto prático que ainda apresenta-se de maneira muito forte e sólida.

Diante disso, esta pesquisa possibilitou uma complementação de projeto de pesquisa anterior denominado: as relações de gênero e o futebol nas aulas de Educação Física nas séries iniciais da segunda fase do ensino fundamental em Catalão, cujas observações nos permitiram concluir que as relações estabelecidas entre os meninos e as meninas nas aulas de futebol perpassam por ações de desigualdades de gênero cultuadas socialmente e mantidas nas escolas como dogmas necessários para a manutenção das hierarquias sociais impostas.

Desta forma, a partir dessas análises estimamos que as relações sexistas estabelecidas no Ensino Médio traduzem essas e outras formas de discriminação construídas socialmente. Para Saraiva (1999), nesse período escolar, observa-se um processo de maturidade essencialmente biológico de transformações e vivências orgânicas, durante o qual o desenvolvimento cognitivo e a estrutura da personalidade também progridem de maneira mais rápida e abrange o período da pré-adolescência e adolescência cujas faixas etárias aproximam-se dos alunos/as do Ensino Médio, o que nos leva a acreditar que as relações sexistas nesta fase de escolaridade se diferenciam das relações que se estabelecem nas séries iniciais da segunda fase do ensino fundamental.

Portanto, percebemos que apesar de estarem inseridos no universo humano, todos, homens e mulheres fazem parte do mesmo meio cultural e social, mas apresentam diferenças entre si e essas diferenças são determinadas através do papel que assumem na sociedade e segundo Goellner (2003, 82, 83) estão fundamentados na idéia das diferenças de sexo e de gênero. Para a autora:

¹Professora Mestre membro do Grupo Diálogos/CAC/UFG - helianyps@yahoo.com.br



Diferenças de sexo são aquelas diferenças biológicas que se apresentam desde o nosso nascimento e que determinam “o ser macho” ou “o ser fêmea”. Diferenças de gênero são aquelas diferenças que se constroem na sociedade e na cultura, indicando os papéis adequados aos homens e às mulheres, delineando, portanto, representações de masculinidade e feminilidade (...).

Coadunando com esta idéia, segundo Souza e Altman (1999, 53), gênero pode ser “entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres”, e acreditamos que as relações de gênero estabelecidas socialmente estão fundadas no caráter social das relações de interesse e de poder entre os sexos.

Esta perspectiva apontada pelos autores citados, posiciona-se portanto, criticamente a idéia de gênero como fundada exclusivamente na dimensão das diferenças biológicas, o que não significa dizer que essas diferenças sejam desconsideradas, pois não deixa de reconhecer o caráter relacional que leva em conta o sexo oposto.

Segundo Louro (1997), as discussões relacionadas a categoria gênero, surgiu na constituição dos movimentos feministas do século XX, e foi realçado a partir da década de sessenta, quando este tornou-se mais visível no meio social. Mas já na década de trinta temos o sufragismo – primeira onda, do feminismo que contribui definitivamente para a inserção da mulher em um espaço dantes jamais imaginado - a política. Tal fato provocou a abertura também para outras possibilidades de atuação no meio social.

No fim da década de sessenta, a segunda onda caracterizou-se pela preocupação com as pesquisas, elaborações teóricas, e na problematização do conceito de gênero. Percebemos, portanto, que não é de hoje a luta das mulheres pela igualdade de papéis entre os sexos e ressaltamos que esta luta inclui e depende do reconhecimento da existência da diferença. (AUAD, 2003)

Desta forma, Muraro e Boff (2002) reforçam as discussões que apontam a diferença como uma construção sócio-cultural, e que os estereótipos que consideram o homem o senhor do lar e as mulheres um ser frágil com a principal função de procriação, foram construídos historicamente e pressupõem uma imensa oposição e polaridade entre os sexos. Sobre esta hipótese, Louro (1997, 21), afirma que:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas (...). Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Tal situação, também apresenta -se em vários momentos, relacionada às diferenças anatômicas e biológicas entre homens e mulheres, diferenças que estão culturalmente associadas às idéias de fragilidade física feminina e grandeza física masculina, pois desde os tempos mitológicos a mulher (frágil e delicada) era responsável pelo lar, com funções específicas de procriação e



afazeres domésticos, cabia a ela o papel de ser mãe, esposa e dona de casa, enquanto ao homem (forte e viril) impunham-se outras responsabilidades como ser o responsável por adquirir e manter o sustento da família, cabendo a ele somente a possibilidade de participação em determinados espaços sociais, inclusive a prática esportiva . (LE BRETON, 2006)

Percebemos que estas características não modificaram muito, e ainda que são apenas parte de um estereótipo que acompanha a questão de gênero e perpassa pelo crivo da construção sócio-cultural o que não exime a escola dessas responsabilidades, já que a mesma é parte integrante da sociedade e portanto, cumpre um papel importante na sociedade.

O ambiente escolar, é portanto, o lugar onde as contradições permeiam, mas também é o lugar de perpetuação de modelos socialmente impostos. Mas vislumbramos esse espaço, como o principal agente de transformação social e o consideramos como o local ideal para a promoção de diversas discussões, uma delas refere-se a forma como meninos e meninas se relacionam, principalmente nas aulas de Educação Física e mais especificamente no futebol/futsal.

Assim como em outros espaços sociais, a escola representa espaço privilegiado para análise das representações e desigualdades de gênero, pois mesmo de forma não intencional, acaba reproduzindo no seu interior, as disputas políticas que envolvem relações desiguais de poder. Para Louro (1997) na escola as identidades se apresentam e são construídas conforme as mais adequadas para o menino ou para a menina, preocupado-se somente em uniformizar os alunos na tentativa de eliminar possíveis diferenças.

Mas o leitor deve estar se perguntando, porque no futebol/futsal? A resposta é simples, pois o futebol, apresenta-se socialmente como um dos principais fenômenos do nosso tempo e representa variadas possibilidades de ascensão social e econômica, tornando-se uma espécie de prática obrigatória nas aulas de Educação Física. Cabe, portanto ao professor/a o desafio de trabalhar todas as possibilidades que este universo exige, dentre elas, as questões relacionadas ao gênero.

O contexto educacional, apresenta-se (ou deveria apresentar-se) portanto, como um dos principais espaços de discussões sobre essa temática e os desafios para o professor/a de Educação Física deveria permear o reconhecimento de que a escola é um lugar evidente de definição das sexualidades, mas da forma como se apresenta, continua formando indivíduos discriminados e discriminantes de si mesmos, pois presenciamos aulas mistas em que na prática, separam-se os homens das mulheres. Esta separação ocorre principalmente quando notamos a presença das filas nos pátios ou quando o grupo de alunos saem da sala, e ainda, na própria aula de Educação Física



quando aos homens é entregue a bola de futebol e para as mulheres destinam-se os jogos mais leves, que exigem menos esforço físico (GOELLNER, 2003).

Reafirma-se nas aulas de Educação Física o conteúdo generificado e generificador, que embutido em um contexto histórico trás a tona a problematização do gênero reafirmando os mesmos preconceitos e desrespeitos estabelecidos em outros tempos quanto a participação feminina nas atividades propostas, principalmente àquelas relacionadas ao futebol/futsal.

Para Soares (1990, *apud* SARAIVA, 1999, p. 119), “(...) a prática pedagógica culmina num planejamento de ações norteado pelos objetivos da aptidão física, nos quais também se legitima a separação de turmas por sexo”. Esse autor reforça a idéia apresentada anteriormente e amplia a discussão ao defender que esse pensamento se justifica na discriminação do próprio professor/a aos diferentes corpos – masculino/feminino – e está envolta pelas idéias impostas pela participação da mulher em atividades menos estafantes e portanto, menos nocivas a saúde feminina.

Assim, percebemos que as relações de gênero que se configuram na maioria das escolas perpassam pelo conhecimento adquirido culturalmente e cultuado como verdade absoluta e está enraizado na convivência diária dos grupos sociais. Ainda é muito comum no nosso meio, presentear um filho com um bola de futebol e uma filha com uma boneca ou roupas cor de rosa e com lacinho colorido na cabeça. Atitudes que perpetuam a idéia de as mulheres serem seres frágeis e feitas para procriação e os homens serem os senhores do lar, responsáveis pelo sustento da casa, uma relação hierarquicamente construída e que representa poder.

Em relação ao futebol/futsal, para Goellner (2003, p. 92) “alguém poderá dizer: mas os meninos são mais rápidos, têm mais habilidade, as meninas não sabem chutar, não têm força, correm todas atrás da bola ao mesmo tempo”, mas é evidente que esta é uma realidade concreta, afinal este é o “país do futebol” masculino e segregamos a todo o tempo e também na escola o mundo masculino do mundo feminino quando limitamos a prática do futebol/futsal apenas aos homens/meninos.

Desta forma, perguntamos será que na escola não é possível reverter, ou mesmo duvidar dessas verdades impostas socialmente e que a Educação Física não deveria facilitar aos alunos a compreensão de que o futebol/futsal e o acesso ao seu universo pode ser diferente daquele que conhecemos e construirmos uma prática que favoreça a compreensão de que menino e menina podem jogar juntos, e antes de tal possibilidade representar uma afronta, possa representar um ato de ousadia, solidariedade, companheirismo e aprendizagem, papéis primordiais no ato educativo?



Diante de tais indagações adentramos os muros da escola para analisarmos a aula de Educação Física, que conforme percebemos, tendencialmente privilegia o conteúdo esporte, especificamente o futebol/futsal, para detectarmos como se configuram as relações entre meninos e meninas nas aulas propostas para o Ensino Médio, ou seja, como se configuram as relações do feminino e do masculino entre os alunos e alunas desse ciclo de ensino nas escolas estaduais da cidade de Catalão Goiás.

A partir da delimitação do problema de investigação, traçamos como objetivo geral analisar e perceber como se configuram as relações sexistas no interior da escola especificamente na aula de Educação Física do Ensino Médio quando o conteúdo é o futebol/futsal.

A partir do objetivo geral pretendemos aprofundar as discussões referentes as relações de gênero que se estabelecem na aula de Educação Física do Ensino Médio e observar como as relações sexistas entre os alunos e alunas são estabelecidas e qual o papel do professor na manutenção ou mudança das relações construídas.

Percurso Metodológico e Análise dos Dados

Através da reflexão teórico-conceitual acerca das discussões de gênero especificamente aquelas relacionadas a participação da mulher no esporte, definimos como tipo de pesquisa o trabalho de campo cujo instrumento de investigação adotado configura-se na observação das aulas de Educação Física do Ensino Médio quando o conteúdo abordado é o futebol/futsal.

Num primeiro momento, a partir do levantamento bibliográfico utilizamos para fundamentação teórica autores que discutam as relações de gênero e o esporte como Coletivo de Autores como: Souza e Altmann (1999), Goellner (2003), Vaz (2005), sobre a participação das mulheres nos diversos espaços sociais utilizamos Louro (1997), Muraro & Boff (2002), Louro, Neckel e Goellner (2003), Auad (2003), e Le Breton (2006), dentre outras incorporadas no trabalho.

A pesquisa de campo constou de dois momentos, O primeiro deles de uma visita nas escolas para apresentação do projeto e coleta de dados previamente necessários para a construção da pesquisa, dados como o número de turmas, número de alunos/alunas em cada série, dentre outros. O segundo momento configurou-se nas observações das aulas.

Realizamos a visita em 03 unidades de ensino da cidade vinculadas ao Estado e que contam com o Ensino Médio, as quais localizam-se em regiões distintas e distantes umas das outras. Em



cada unidade observamos 04 aulas da 1ª série², o que representou um total de 12 aulas observadas (uma turma em cada unidade de ensino foi utilizada na pesquisa).

A partir das anotações em diário de campo foi-nos possível traçar algumas categorias de análises dentre as quais citamos: os diálogos estabelecidos entre os alunos/alunos, os alunos/alunas, alunas/alunas e entre professores e alunos/alunas; a formação de grupos e as metodologias utilizadas durante as aulas.

Das observações realizadas relacionadas com a primeira categoria observada (diálogos estabelecidos), percebemos que os alunos e as alunas durante todo o tempo das aulas expressam-se com diálogos que sugerem a superposição dos homens sobre as mulheres nas práticas propostas, conforme algumas falas observadas e apresentadas a seguir:

- “As mulheres são ruins de bola demais”(aluno escola I);
- “Aonde a bola tá, tá todo mundo as meninas não sabem nada de bola”(aluno escola II);
- “As meninas devem ir é pilotar fogão, elas é ruim demais” (aluno escola III)

Para as meninas, os diálogos também são carregados de pré-conceitos quanto a prática do futebol/futsal pelas meninas e também expressam a dominação masculina também nesse universo:

- “Ah não professora, vamos ter que jogar com essas meninas de novo?” (aluna escola II);
- “Também existe meninos que não sabem jogar, assim como algumas meninas” (aluna escola II);
- “Essas meninas acham que se chutar a bola vão quebrar a unha” (aluna escola III)

Percebemos ainda, que alguns professores/as reforçam essa idéia e corroboram com a predominância dos homens nesse espaço e vão além, ao também utilizarem termos e frases carregadas de preconceitos e mantenedores da ordem social vigente, conforme algumas das falas abaixo:

- “Daqui uns dias você vai vim pra aula de saia, escutando conversa de menina desse jeito” (professor escola I)
- “Com esse cabelo (grande) você vai acabar virando gay daqui uns dias”(professor escola I)
- “Olha que molengas essas meninas, que “chutinho” (professor escola III)

Notamos que alguns dos diálogos observados estão impregnados de tensões envolvendo as práticas sugeridas para os meninos e para as meninas no âmbito escolar e que os mesmos apresentam-se quase sempre com forte tendência histórico cultural daquilo que configurou estabelecer para o homem e para a mulher. Segundo Coletivo de Autores (1993) o jogo com seu caráter lúdico que nas escolas são colocados às margens da maioria das aulas e dos alunos/as, deveriam representar um espaço pedagógico que não se limitasse ao esporte, nem tão pouco a

²A princípio a intenção era analisar todas as 03 séries do Ensino Médio, mas por problemas nas escolas campo que perpassam a organização dos conteúdos e a disponibilidade das aulas na grade curricular optamos por analisarmos apenas a 1ª série.



atividades que separam os meninos das meninas ou os desqualificam para determinadas atividades práticas.

Para Vaz (2005) “o inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero”. Esta afirmação, parece-nos uma mensagem feminista de cunho radical, denotando um combate constante entre homens e mulheres, no entanto, percebemos uma configuração/representação social de gênero, que se reflete em todos ou quase todos os espaços, como no esporte e no futebol/futsal praticado no âmbito escolar.

É interessante notar através das falas que às mulheres não é comum o questionamento de uma dada condição de discriminação, e que ainda é comum, ao menos no plano ideológico, considerar como normal, o modelo em que as mesmas se submetem ao modelo de dominação masculina como o único possível.

Entendemos que nesse modelo de submissão feminina, construído historicamente, torna-se comum a prática do futebol/futsal pelos meninos e outras práticas ditas menos agressivas são destinadas as meninas que submetem-se as mesmas, supostamente mais sensíveis e delicadas, contribuindo para a perpetuação no meio educacional, das diferenças de gênero cultuadas como verdade absoluta no meio social.

Através dos relatos observados, percebemos também que os professores/as, que supostamente teriam a função de amenizar as situações de discriminação presentes no meio educacional, e ainda mais, por transmitir os conteúdos transversais propostos pela LDB de 1998, não conseguem se desvincular do modelo socialmente construído e reforçam ainda mais, as desigualdades de gênero nas aulas. (VAZ, 2005)

Esta afirmação nos leva a concluir sobre esta variável que devemos atentar-nos para as aulas que propomos e que tenhamos clareza do tipo de formação que queremos, pois inconscientemente promoveremos mudanças ou simplesmente reforçaremos os valores sociais vigentes.

Ao analisarmos a segunda categoria (a formação de grupos e as metodologias utilizadas durante as aulas) percebemos que apesar da proposição de aulas mistas (meninos e meninas juntos/as), presentes em todas as escolas observadas, os meninos, com a ajuda dos professores, ainda impõem sua forma de praticar as atividades físicas inclusive o futebol/futsal, como modelo a ser seguido. Segundo Vaz (2005, p. 33):

Em tempo não muito distante, e presente ainda em alguns agrupamentos sociais, as meninas que se misturavam aos meninos para jogar futebol enfrentavam dois tipos de adversários: o primeiro é o processo de discriminação sexual, eram vistas como lésbicas, o que certamente trazia sérias implicações psicológicas a adolescentes ainda em fase de desenvolvimento das identidades sociais; o segundo é o próprio jogo como é praticado, por terem que se submeter à lógica de um jogo historicamente masculinizado, portanto, violento, vigoroso e agressivo.



Notamos portanto, que a condição estabelecida na aula ainda é a formação de grupos conforme o sexo, onde os meninos praticam/dialogam nas aulas com os meninos e as meninas com as meninas.

Quanto aos professores/as percebemos que os mesmos reforçam a divisão dos papéis sociais, quando propõem atividades diferenciadas para os meninos quase sempre voltadas para a aprendizagem dos gestos técnicos motores e/ou o desenvolvimento de habilidades específicas do futebol/futsal, e para as meninas, raramente é proposto apenas o jogo com pouca, ou quase nenhuma cobrança relacionada com a técnica, ou seja, estimulam para as meninas, a prática do jogo pelo jogo.

Esse modelo que propõe a pedagogia da separação entre os sexos, pode ser entendido como uma forte tendência da escola em investir na conformação dos papéis dos papéis sociais. Para Louro, Neckel e Goellner (2003, p. 17), este modelo de escola reflete o disciplinamento dos corpos, onde raramente se tem a oportunidade de discutir e problematizar, superficialmente e/ou profundamente, temas que envolvam as relações de poder, para a autora: “a escola pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos”, pedagogia que se apresenta, “muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas quase sempre eficiente e duradoura”.

Notamos finalmente, que parece haver pouco conhecimento sobre as temáticas de gênero entre os professores e que a sexualidade apresenta-se como um dos fatores pelos quais são cultuados valores/ modos de ser e de se comportar de maneira a diferenciar meninos de meninas e nos arriscamos em acreditar que esta história parece se iniciar na educação infantil, se repete nos anos posteriores, continua no ensino médio e pode ser que perdure até a Universidade.

Considerações

Notamos com esta pesquisa que as meninas estão adentrando alguns espaços dantes considerados eminentemente masculinos, como as quadras e/ou campos de futebol/futsal. Todavia, percebemos que ao praticarem as atividades nas aulas de Educação Física, as meninas ainda são submetidas a situações que corroboram com a condição de submissão das mulheres impostas socialmente, e ainda, que têm grandes dificuldades em contribuir com a transformação da realidade observada quanto a participação feminina no futebol/futsal no âmbito escolar, o que acreditamos, acaba sendo uma extensão da realidade social vivenciada.



Percebemos que as meninas que participam da prática do futebol/futsal, demonstram fazê-lo pelo prazer que o jogo/atividade proporciona, sem demonstrar interesses ou a contemplação de qualquer outra possibilidade. Diante desta constatação, acreditamos que este possa ser o início da transformação dessa realidade que considera o futebol/futsal um esporte masculino.

Notamos ainda, que todos os professores/as são omissos quanto ao papel de orientar os alunos e as alunas quando ocorrem conflitos oriundos de diálogos e/ou situações de pré-conceitos com relação a prática do futebol/futsal por mulheres.

Enfim, diante de todas as possibilidades constatadas, queremos acreditar que as atitudes dos professores possam ser modificadas com as relações de trocas estabelecidas entre as escolas e a Universidade, presentes em várias propostas de ensino, extensão e pesquisa cujo foco principal é a formação continuada de professores/as. Mas alertamos que estas propostas precisam aproximarem-se da realidade vivenciada nas escolas e possam acima de tudo, não somente polemizar todo o contexto, mas possam inspirar novas possibilidades de atitudes e conseqüentemente de práticas que promovam o respeito e a valorização do ser humano e não contribuam para perpetuar atitudes preconceituosas relacionadas a questão de gênero.

Bibliografias

AUAD, Daniela. **Escola, relações de gênero e sexualidade**: um caminho para a construção da igualdade. São Paulo, 2003;

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1993;

GOELLNER, Silvana Velodre. Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher na **Revista Educação Física**. Ijuí: Unijuí, Coleção Educação Física, 2003;

LE BRETON, David de. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006;

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis. Vozes, 1997;

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL; Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). **Corpo, gênero, e sexualidade**: um debate contemporânea na educação. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2003;

MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. A construção histórico-social dos sexos. In: **feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2ª edição, 2002, p. 45-60;

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes**: quando a diferença é o mito. Ijuí: Unijuí, 1999;



SOUZA, Eustáquia Salvadora de, ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas:** expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, agosto/1999, p. 52-68;

VAZ, Antônio Carlos. Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. *In:* SOUZA, Adalberto dos Santos. **Desafios para uma educação física crítica.** São Paulo: Cult, 2005;